

RELENDO EÇA DE QUEIROZ

HÉLGIO H. TRINDADE (artigo publicado para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Curiosa sensação essa de reler com quarenta anos de intervalo o autor máximo de nossa juventude! Devo esclarecer que minha juventude foi ingenua, burguês e muito pouco literária. Sem comércio com as tertúlias onde ferviam as idéias do momento, sem amigos que já tivessem chegado, como os moços de hoje, aos pináculos da cultura, eu ia conhecendo os autores ao sabor das recomendações fortuitas. Aos vinte anos meu Olympe contava uma dúzia de deuses, e entre eles, o mais amável e gracioso era sem dúvida o autor de A Relíquia. Lera mais de uma vez todos os seus livros, sabia páginas de cór, e estava firmemente convencido de que jamais em língua alguma, se escrevera obra que superasse uma daquelas. Bom Eça! Excelente Eça! Sinto quase remorso, agora que acabei de reler o Primo Basílio, pelo que estou pensando e pelo que vou dizer.

Não. Não passei quarenta anos sem reler Eça de Queiroz. Muitas vezes o fiz, mas lia páginas apenas, para apreciar ou para mostrar aos moços os primores de estilo, o colorido de suas descrições, a graça dos perfis que traçava. Mas, livro seu inteiro, romance, de ponta a ponta, nunca mais tinha lido. Li agora. Os Maias e o Primo Basílio. A primeira impressão, relativa à perfeição da linguagem, que me volta ao reler esses romances, em nada desmentiu a impressão antiga que guardava na saudade. Tenho um fraco pela boa construção portuguesa, pela variada regência e pela feliz escolha de uma conjunção. Gosto da língua com uma espécie de patriotismo e aflijo-me quando não me sinto capaz de usar todas as suas grandes virtualidades, e quando a vejo também matratada pelos outros.

Noto também em Eça, uma coisa que parece desaparecida: o paciente engenho de pintar um cenário, ou a arte de evocar, de tornar visíveis os personagens e as cenas. Qual dos nossos poderia, saberia hoje escrever páginas como aquelas que começam diante da fachada do Ramalhete e pouco a pouco se povoam e se animam? O romance moderno é obscuro. Não falo dos romances regionalistas onde entra uma preocupação marcada de pintar o ambiente, mas do romance que transcorre em meios destituídos de pitoresco. É obscuro. Faltam nele objetos, mesas, paredes, relógios, gatos, tudo isso que cerca o homem e que acompanha seus dramas. Mais de um já li que poderia ser lido, sem diminuição, por um cego de nascença. Tudo são palavras pronunciadas no escuro, ditas ao ouvido sem nenhum recato especial para os ou-

lhos. Nos romances do grande período que começa com Stendhal e Balzac, e culmina com Tolstói e Proust, abrangendo a era vitoriana, a claridade do século das luzes está em todas as páginas e em todas as cenas. Ouve-se, vê-se, sente-se o espaço físico em que se movem os personagens. Quem seria hoje capaz de trazer ao vivo o quadro de um baile ou do trabalho dos segadores, como se ve em Ana Karenine ou em Guerra e Paz? Quem se aventuraria a tentar uma espécie de síntese dos sentidos, ou a perseguir em quatro páginas os adjetivos que reproduzisse o cheiro do quarto de uma velha tia de província, como se ve em Proust? Tem-se a impressão de uma receita perdida, como perdida esteve a transluminosa técnica dos vitrais. Dir-se-ia que o nosso século, preocupado com pesquisas mais profundas e angustiosas, perdeu o gosto das coisas, o sabor das realidades sensíveis.

Nos romances de Eça de Queiroz tudo é claro, tudo é visível e colorido. Como porém lhe falta o genio de um Tolstói ou de um Proust, essa claridade é mais um verniz do que uma radiação própria que venha de dentro das coisas. Sua luminosidade, em suma, é uma superficialidade. No que concerne ao jogo psicológico das situações dramáticas, essa visibilidade chega frequentemente até o mau gosto. O autor não deixa nada implícito, não supõe uma vida interior, e nem de longe imagina os abismos inconscientes da alma humana. Tudo se diz, tudo se explica e tudo se compreende. Lembra-me aqui o episódio em que Carlos da Maia começa a sentir-se saturado de Maria Eduarda. Era, surgindo do fundo de seu ser, ainda tenue mas já perceptível, uma saciedade, uma repugnância por ela, desde que a sabia de seu sangue!... Uma repugnância material, carnal à flor da pele, que passava como um arrepiado. Fôra primeiramente aquele aroma que a envolvia, fluíuava entre os cortados, lhe ficava a ele na pele e no fato, o excitava tanto outrora — impacientava tanto agora — que ainda na véspera se encharcara em água de Colonia, para o dissipar. Fôra depois aquele corpo dela, adorado sempre como um marmore ideal, que de repente lhe aparecera, como era na sua realidade, forte demais, musculoso, de grossos membros de Amazona bárbara, com todas as belezas copiosas do animal de prazer... Os seus movimentos na cama, ainda nessa noite, o tinham assustado como se fossem os de uma fera, lenta e ciosa, que se estirava para o devorar... E por aí a fora,

em página e mais o autor, levado pelo gosto da frase e pelos imperativos da escola realista, despreze nesses termos aquele primeiro sentimento "tenue" que vinha do fundo do ser de seu personagem. Note bem o leitor que não é do realismo crú que me queixo e sim da eloquência, dos recursos quase didáticos que o autor desenvolve para exprimir um começo de arrepiado.

Diante desse resultado já não podemos ter saudades da claridade que afinal mais esconde do que mostra a realidade. Ao contrário, o que senti, ao reler o meu querido Eça, foi uma certa pena, ou uma condescendência de irmão mais velho, não porque me sinta capaz de fazer obra melhor, mas porque sei, pelo merito dos outros, pelo sofrimento da contemporânea cultura, pelo aprofundamento conquistado através dos erros e das dores, que aquela obra, apesar de toda a perfeição da linguagem e do variado colorido está muito aquém da espaçosa realidade da alma humana. É pueril. É comoventemente ingenua com todo o seu escabroso realismo. E não pense o leitor que eu esteja querendo provar que minha cultura progrediu a ponto de descobrir as fraquezas do autor que na mocidade mais admirei. Em alguma coisa mudel, evidentemente, dos vinte aos sessenta anos, mas a principal diferença de perspectiva vem das mudanças do mundo e não das minhas. Um moço de regular cultura e media inteligência terá creio eu, o mesmo sentimento de indefinível superioridade lendo aqueles romances que tantas admirações e indignações provocaram no seu tempo. Mas cumpre notar que os severos críticos da época, os que não gostavam das cenas cruas, levaram a sério o realismo de Eça, e não viram a superficialidade do romancista. O próprio Machado de Assis, que numa admirável crítica reclamava a espessura humana que falta aos personagens de O Primo Basílio, ainda se mostra escandalizado com a falta de decoro das cenas. Creio que hoje o mesmo Machado iria mais longe, e concorreria conosco que aquele sedutor é um boneco, um vilão de teatro de amadores, ou uma espécie de Lobo Mau. Isto nos leva a falar dos personagens, dos romances de Eça de Queiroz. Se o leitor tiver paciência, trataremos desse assunto na próxima semana, porque o artigo desta está chegando ao seu limite. Só quero acrescentar uma coisa. Não foi por falta de assunto, que fiz hoje com o Eça o que ele um dia fez com o Bey de Tunis.